

Introdução

Reginaldo José de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

Introdução. In: SOUZA, R.J. *Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos* [online].
Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 9-18. ISBN: 978-85-64905-98-6.
<https://doi.org/10.7476/9788564905986.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Aprofundar a compreensão acerca da paisagem como conceito operativo na Geografia é fundamental para professores, pesquisadores e planejadores nesta área do conhecimento. O olhar para o espaço geográfico é, em primeiro lugar, um olhar paisagístico. É muito difícil que uma problemática estudada pela Geografia não se manifeste no espaço através de alguma paisagem, ou seja, alguma expressão visual/estética dos eventos constituídos na interface sociedade-natureza.

Por outro lado, o que muito se observa no Brasil é a dificuldade em promover a paisagem como verdadeiro patrimônio social e/ou natural. A legislação ambiental brasileira ainda está muito distante disso, notadamente em um país de pouca ou quase nenhuma cultura paisagística, onde as maiores provas de tal ausência se expressam através de práticas político-econômicas supostamente desenvolvimentistas, que priorizam a implantação de grandes empreendimentos causadores de impactos que fragmentam a paisagem.

Um exemplo muito didático, próximo a Erechim, está na cidade de Itá-SC, mais precisamente na nova cidade que teve de ser refeita em função da usina hidrelétrica (UHE), a partir de meados dos anos 1990, e do enchimento do reservatório, que levou ao pleno funcionamento da usina em 2001.

Minha primeira visita àquele município ocorreu em maio de 2015, durante a realização de um trabalho de campo com a turma de estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Essa atividade foi coordenada pelo professor Dilermando da Silveira, então responsável pela disciplina de História do Pensamento Geográfico, e por

mim, enquanto docente da matéria de Geografia Física. Naquela ocasião eu ainda não tinha conhecimento *in loco* da realidade das transformações ocorridas em Itá com a chegada da UHE. Posso dizer que o professor Dilermando da Silveira foi o responsável por intrigar-me com aquela problemática, uma cidade inteiramente relocada devido ao enchimento do lago para movimentar as turbinas de geração de energia. Várias inquietações emergiram durante as exposições na atividade de campo, e algumas delas se tornaram temas em um projeto de pesquisa específico.

O projeto, que conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (Edital FAPESC 7/2015), intitula-se “Urbanização e Híbridação Socionatural em Contextos Hidrelétricos” e se desenvolve com o professor Igor Catalão, do curso de Geografia da UFFS – Campus Chapecó. Essa pesquisa investiga uma série de transformações paisagísticas na divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, motivadas pela presença de empreendimentos hidrelétricos nas calhas dos rios Pelotas e Uruguai, abrangendo impactos diretos e indiretos nos municípios de Anita Garibaldi e Itá, em Santa Catarina (SC), e Pinhal da Serra e Aratiba, no Rio Grande do Sul (RS).

Os empreendimentos hidrelétricos transformam a paisagem de maneira incisiva, à medida que os elementos constituintes dos geossistemas são impactados e suas dinâmicas profundamente alteradas. Há perda de vegetação, solo e fauna com a construção de barragens e o enchimento de reservatórios, que transmutam rios e seus fluxos naturais em obras de engenharia, submetendo parte do natural ao artificial. Soma-se a essas incisões dos elementos naturais o impacto social, de modo que, em pouco tempo, muitas pessoas são obrigadas a deixar os lugares nos quais construíram suas vidas.

A partir dessa problemática, foram finalizadas três monografias de conclusão de curso sob minha orientação. Esses trabalhos trataram da percepção das transformações paisagísticas ocorridas na cidade de Itá e no

interior do município de Mariano Moro. No primeiro caso, uma situação peculiar: a completa transposição da cidade.

Daiane Quadros (2016), com seu projeto “A percepção das transformações da paisagem na cidade de Itá: antes e depois da instalação da UHE”, analisou os vários discursos de entrevistados a fim de compreender como se sentiram ao longo do processo de relocação de suas casas, distanciamento de amigos ou parentes que foram embora em função do empreendimento, a adaptação na nova cidade e, principalmente, as suas memórias de um lugar/paisagem que jamais será o mesmo. A seleção de entrevistados teve como critério de escolha a idade mais elevada, porque os idosos carregavam uma bagagem de memórias da velha Itá com mais detalhes interessantes para a elaboração das análises.

Daiane constatou dubiedades nos discursos, algumas opiniões favoráveis ao empreendimento, à “renovação” da cidade com sua estrutura planejada, ao potencial turístico do lago artificial e, por outro lado, um grande saudosismo com relação a cenas e cenários que foram submersos: vínculos familiares, eventos de lazer, proximidade de amigos, momentos marcantes da vida que ficaram para sempre registrados nos cenários das memórias, porque os cenários reais já não mais existem: nascimentos de filhos, casamentos, formaturas em escolas, igrejas, desde variadas comemorações até o mais trágico funeral. Nos mais velhos moradores de Itá há um nítido desencontro entre a paisagem de suas memórias e as paisagens atuais do território, notadamente do território da UHE, manifestamente promovido na esteira de um incisivo impacto paisagístico.

Alexandra Carniel (2018), com seu trabalho intitulado “As transformações da paisagem no Ensino de Geografia”, dedicou-se a desenvolver oficinas didático-pedagógicas com uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental na cidade de Itá. Seu objetivo foi justamente problematizar a ausência, nos livros didáticos, de conteúdos referentes aos impactos de hidrelétricas, notadamente em uma cidade que foi diretamente atingida. Ademais, o modo como as crianças interpretam as transformações

da paisagem e imaginam o futuro de seus lugares foi alvo das análises da orientanda em questão.

Outro projeto sobre o impacto do empreendimento hidrelétrico, na região norte do Rio Grande do Sul, foi o de Natiele Schmidel (2017). O trabalho “A Geografia nos seus olhos: impactos da UHE Itá nas paisagens dos moradores da Linha Rio Branco, Mariano Moro-RS”, também sob a minha supervisão, teve como recorte de análise o interior do município de Mariano Moro, mais precisamente a comunidade Linha Rio Branco. Em função de sua proximidade com a temática, sendo seu pai um dos ex-moradores atingidos pelo enchimento do reservatório da barragem, ela procurou compreender como os atuais habitantes da comunidade interpretam todo o processo de mudanças vivenciadas em um período relativamente curto.

Natiele realizou trabalhos de campo para registros fotográficos do lago e seu entorno, entrevistas e resgate de imagens antigas da comunidade. Os entrevistados apontaram a queda da quantidade de amigos, vizinhos e parentes que deixaram de viver ali após a retirada das propriedades rurais. Também falaram de situações que não se repetem mais, notadamente em função da submersão de áreas que, antes, eram lugares de convívio. O tom mais sentimental, presente em vários momentos das entrevistas realizadas pela iniciante pesquisadora, demonstra a resignação de pessoas incapazes de resistir à apropriação do espaço pelo empreendimento. É interessante salientar: tal apropriação é, essencialmente, a negação do lugar e da paisagem para aquelas pessoas no *front* da incorporação empresarial.

O presente livro, resultante da realização de um estágio de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa, também comparece como fruto das inquietações paisagísticas iniciadas desde o trabalho de campo no primeiro semestre de 2015 e as orientações dos trabalhos de conclusão de curso mencionados. Como nos preâmbulos da crise de Camille Claudel, quando disse sempre haver alguma coisa de ausente a atormentá-la, como quem suplica por respostas nada fáceis de encontrar, o então projeto “Paisagem

híbrida e socionatureza: relações entre Geografia e Filosofia” foi idealizado para buscar alguma coisa de ausente a atormentar-me frequentemente quando penso no significado da paisagem na contemporaneidade, sobretudo em casos evidentes de desconsideração paisagística por incorporação econômica do espaço.

Os dois conceitos-problemas que norteiam a pesquisa são híbridos, a paisagem e a socionatureza. A tradição geográfica bem demonstra o caráter híbrido da paisagem, enquanto interface sociedade-natureza. A socionatureza parece ser, na contemporaneidade, a tentativa de ver o mundo das coisas produzidas pelo homem de forma conectada com os elementos e dinâmicas da natureza, mas já não sendo mais inteiramente naturais. Um dos objetivos deste estudo é explorar, do ponto de vista teórico, as potencialidades de ver o mundo e a natureza através da lupa da paisagem e como isto pode contribuir para a pesquisa em Geografia.

Com relação à paisagem, pode-se dizer que é uma categoria-chave para interpretar a parte da fusão da sociedade com a natureza e suas consequências nos territórios, nos lugares, nas vidas das pessoas. Muito embora ela seja frequentemente confundida, ou sinonimizada com meio ambiente ou natureza, a paisagem é uma das peças que compõe o jogo da interpretação do conjunto de transformações que produzem uma nova sociedade e uma nova interpretação da natureza.

O discurso sobre a paisagem é, muitas vezes, circunscrito à beleza de uma pintura, de uma fotografia ou de uma imagem que sobressalte algum elemento cuja gênese independe da ação humana: a montanha, a floresta, o mar, a praia... No senso comum isso é facilmente detectável. Basta realizar uma rápida enquete com as pessoas pelas ruas e perguntar o que é a paisagem na opinião delas. É certo que toda generalização pode ser perigosa. Contudo, nesse caso, se tal enquete for realizada, corre-se o perigo maior de constatar que o que se diz aqui tem um fundo e uma frente de verdade.

Há um problema associado à compreensão do significado da paisagem. Uma parte desse problema refere-se ao modo pelo qual nós, professores de

Geografia, ensinamos, ou não, ler e interpretar a (s) paisagem (ens). Talvez o Brasil não seja um país de cultura paisagística no seu sentido mais amplo e profundo. A economia nacional moderniza-se em disparate com a paisagem e, muitas vezes, contra ela (BERTRAND; BERTRAND, 2009; MOSCOVICI, 1975). A política brasileira é despolitizada do assunto, e a sociedade continua a ver a paisagem de maneira simplista. Inclusive, também porque as pessoas não são frequentemente educadas a ouvir, cheirar ou sentir a paisagem.

Preservar a qualidade das águas de um rio ou lago, preservar a mata ciliar, o bosque, a floresta ou salvaguardar o casario de um porto, de um centro histórico, vielas ou fachadas não significa, necessariamente, estabelecer um projeto de proteção ou, ainda melhor, de significação da paisagem. É certo que a visada paisagística vai compor-se em uma sequência de elementos importantes, como o rio, a mata, a urbe e seus monumentos. Mas sem o sentido que todos elementos adquirem a partir do olhar e da percepção/interpretação das pessoas que com eles fazem contato quotidianamente (ou esporadicamente, no caso de um pesquisador, de um turista, um passante...), jamais o casario ou a floresta serão observados e vivenciados com um sentimento de paisagem.

Assim, com esta pesquisa, buscaram-se referências para leitura-interpretção-análise da paisagem considerando a importância da estética e da percepção como um leque de possibilidades para que geógrafos construam ou reconstruam um conceito tão fundamental para esta ciência, notadamente, na medida em que se abre para as análises ambientais que caracterizam a Geografia como ciência da hibridação socionatural.

A paisagem é uma representação dúbia da socionatureza: ela parece ser estática, mas é produto das interações entre a sociedade e a natureza no espaço e no tempo. A paisagem é uma natureza-arte que resulta de um traslado anterior, ou seja, a transformação da natureza-fonte em natureza-recurso (BERTRAND & BERTRAND, 2009). Trata-se, pois, de uma representação das diversas formas pelas quais as sociedades modificam

certas dinâmicas naturais e, ao mesmo tempo, modificam a si mesmas. A paisagem poderia profundamente ser um ponto de partida e de chegada em políticas de ordenamento territorial no Brasil. Ou melhor, poderia ela mesma constituir-se num elemento central de políticas que garantissem a salvaguarda de paisagens (LAMPREIA, 2012; BÉDARD, 2009). Contudo, isso ainda não ocorre de modo eficaz.

Dessa forma, ensaiam-se algumas hipóteses acerca da problemática central que é a ausência de uma visão sobre a paisagem que a considere mais além do quadro, da moldura, do estático:

- A paisagem é frequentemente concebida como sinônimo de vista, de panorama, muito próximo do que um prospecto turístico pretende oferecer a um consumidor;
- A degradação ambiental pode estar muito distante de um olhar paisagístico: sempre que as pessoas pensam em paisagens, pode ser raro vir à mente a memória de um rio poluído, um bairro de infraestrutura precária, pessoas em condição de miséria. Portanto, pode haver falta de paisagem em sociedades em que a degradação ambiental se apresenta como algo corriqueiro;
- O modo como se faz o ensino de Geografia pode ser uma das fontes que contribuem para uma visão reduzida do significado da paisagem e, como consequência, consolida-se uma sociedade em que não se evidencia o que poderia ser chamado de cultura paisagística.

A revisão da paisagem da Geografia através das inspirações da Filosofia apresenta-se como objetivo central da pesquisa que aqui se apresenta, tendo em vista que, na Filosofia, a paisagem é tratada como uma dimensão da existência e não como um espaço funcional delimitado, uma área, um quadro natural ou alterado pela ação antrópica.

Durante a realização do pós-doutorado, a busca por fontes teóricas na Filosofia, que permitiam rever e reconstruir o significado da paisagem na minha percepção, foi uma tarefa interessante, na medida em que houve a possibilidade de retorno para os clássicos gregos e a retomada das visões

sobre a origem do *cosmos* ou da *physis* através de duas perspectivas: a platônica e a aristotélica. Esses são dois paradigmas do pensamento ocidental sobre a natureza, esta que está na paisagem, mas não é a paisagem.

Assim, este livro busca explorar algumas referências para leitura-interpretção-análise da paisagem considerando uma perspectiva entre natureza e cultura, natureza e sociedade, natureza e percepção, de modo que a conceituação da paisagem não seja equivocadamente tratada de maneira unilateral: somente como quadro natural ou somente como produto social.

Perante o quadro de problemas oriundos da produção de energia na divisa dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, também pretendo apresentar um debate sobre como a Geografia pode contribuir com os estudos ambientais e as perspectivas do ordenamento territorial, tanto no campo quanto nas cidades, através da análise da paisagem, e buscar avanços teóricos que se refletirão em metodologias de análise para o projeto sobre Urbanização e Híbridação Socionatural em Contextos Hidrelétricos e também para outros futuros¹, inclusive na formação de pessoal – em nível de graduação e pós-graduação –, que pretendo desenvolver num território onde, muito recentemente, passou-se a contar com a presença da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com pessoal capacitado para a produção de conhecimento, na escala local/regional, acerca de questões que nos afetam.

O livro foi organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, “Paisagem: história inicial de uma procura”, contextualizo o leitor na minha própria trajetória de docente e pesquisador. Não poderia deixar de mencionar e esclarecer todas as minhas inquietações e expectativas com relação à pesquisa da paisagem na Geografia e como me posiciono perante aquilo

1 Este livro resulta de um estágio pós-doutoral no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, realizado de fevereiro a agosto de 2017. Durante a finalização, tanto do estágio quanto da primeira versão do manuscrito enviado à Editora da UFFS, ainda não havia institucionalizado o projeto guarda-chuva “Paisagem e Fronteira: Geografias da Raia Internacional Sul-rio-grandense” (2018), cujo objetivo é produzir material teórico de base para debater a importância da paisagem como uma ferramenta de análise das dinâmicas socionaturais em territórios de fronteira. As reflexões iniciadas neste livro, agora, têm continuidade no referido projeto de pesquisa.

que considero como o objeto primordial deste campo científico. De uma forma bem-humorada, digo que é no primeiro capítulo que mostro minhas vísceras para o leitor: goste ou não, fica a seu critério seguir na leitura.

No segundo capítulo, “Questões da Natureza”, o objetivo é remontar à reflexão sobre a origem do mundo para retomar a importância de compreender-se a natureza como algo superior às vontades humanas, uma força autogeradora que, muitas vezes, deixamos de reconhecer no cotidiano da nossa vida fragmentada na qual os atos de trabalhar, pagar as contas e comer se tornaram muito mais emergenciais do que refletir sobre a grandeza do universo. Faz-nos imensa falta esse tipo de reflexão e, claro, assumo que não fui capaz de trazer tudo o que gostaria e deveria dentro do limite de tempo que tive para escrever.

No terceiro capítulo, “Paisagem: dimensão da existência”, procurei compilar algumas visões de autores tanto da Filosofia quanto da Geografia que foram amplamente debatidos no decorrer dos meus colóquios com a professora Adriana Serrão. A paisagem como dimensão da existência, que é uma perspectiva filosófica, é de grande importância para nós, geógrafos, notadamente quem está mais voltado para a Geografia Física e vê ecossistema, geossistema ou ambiente como sinônimo de paisagem. A paisagem como dimensão da existência faz sair de uma perspectiva funcionalista para o encontro com a forma e a experiência estética: a paisagem como acesso ao belo e sublime e ao sentimento da natureza.

Tratar da paisagem nesses termos não é questão de esnobismo artístico ou acadêmico, tampouco um bibelô para o ego; pelo contrário, implica buscar a conexão entre o belo na paisagem com o bom nas relações humanas, as quais configuram lugares e territórios. O ponto de chegada deste capítulo é a proposta de uma chave de interpretação de requisitos paisagísticos como abertura, limitação e janela para o infinito no limitado, que são elementos importantes para diferenciar espaço de paisagem, natureza de paisagem e a simples “vista” de paisagem. A inspiração para isso é

o extrato de Paisagem e Estética, do filósofo italiano Rosario Assunto, presente na antologia Filosofia da Paisagem, organizada por Adriana Serrão.

No quarto capítulo, “Paisagem e Socionatureza”, procuro tratar de modo um pouco mais detalhado sobre este termo híbrido – socionatureza –, que me provoca desde certo tempo e talvez seja uma chave interessante para entender que a sociedade contemporânea parece não querer relacionar-se com a natureza, mas, sim, negá-la. E o processo de negação certamente não se completa, não passa de uma mera tentativa. Porém, nessa tentativa de negar a natureza pela técnica, produz-se uma espécie de quimera, um híbrido anômalo, uma socioculturaliza, bastante frágil, problemática, que envenena pessoas, polui o ar e a água, lança muita gente em sítios impróprios para a moradia. É, também, uma negação da paisagem.

Existem autores brilhantes que, nas introduções ou preâmbulos de seus trabalhos, deixam o leitor à vontade para ler os capítulos de forma ordenada ou aleatória, porque isso não prejudicaria a leitura. Não é o meu caso. Claro que não vou ditar regras e quem interessar-se por este livro poderá ler como bem entender. Contudo, confesso que me esforcei para fazer um percurso da grande natureza à socionatureza, com a paisagem no meio. Portanto, ao leitor fica a advertência: correrá o risco de nublar as ideias caso não acompanhe as minhas angústias desde o princípio até as considerações finais.